

A Aventura Sem
Paralelo de Um Tal
Hans Pfaall

Edgar Allan Poe

A Aventura sem Paralelo de Um Tal Hans Pfaall

*With a heart of furious fancies,
Whereof I am commander,
With a burning spear and a horse of air,
To the wilderness I wander¹.*


A Canção de Tom O'Bedlam



Segundo as últimas notícias de Roterdão, a cidade parece encontrar-se num estado de grande efervescência filosófica. De facto, ocorreram ali fenómenos de natureza tão completamente inesperada, tão inteiramente nova, em tamanha contradição com as opiniões preconcebidas, que não subsistem no meu espírito quaisquer dúvidas de que dentro em pouco toda a Europa estará em rebuliço, toda a física em tumulto, toda a razão e a astronomia em guerra aberta.

Ao que parece, no dia... de... (não estou certo da data), estava uma grande porção de gente reunida, com fins não especificamente referidos, na ampla praça da Bolsa da morigerada cidade de Roterdão. Estava um dia de calor — um calor inusitado para a época —, quase não soprava uma aragem e o povo não perdia o bom humor ao ser aspergido de quando em vez por amistosos aguaceiros de momentânea duração, derramados por grossas formações nebulosas brancas profusamente distribuídas pela abóbada azul do firmamento. Não obstante, perto do meio-dia, registou-se no ajuntamento uma ligeira, mas apreciável agitação: seguiu-se-lhe uma algazarra de dez mil línguas e, decorrido um instante, dez mil rostos ergueram-se para o céu, dez mil cachimbos caíram simultaneamente dos cantos de dez mil bocas, e um grito, que a nada se podia comparar salvo ao rugido do Niágara, ressoou longa, sonora e furiosamente por toda a cidade e por todos os arredores de Roterdão.

¹ «Cheio o coração de loucas fantasias, / De que tenho o comando, / Com uma lança ardente e um cavalo de ar, / Pela imensidão eu vou errando.» (N. do T.)




Não tardou que a origem deste tumulto se tornasse suficientemente visível. Por detrás do enorme volume de uma daquelas já citadas formações nebulosas nitidamente definidas viu-se emergir lentamente, numa nesga de espaço azul, uma substância estranha, heterogénea, mas aparentemente sólida, de forma tão singular, de tão caprichosa construção, que não havia maneira de o ajuntamento de robustos burgueses que em terra a fitavam, boquiabertos, a entenderem ou deixarem de a admirar. O que poderia ser? Em nome de todos os diabos de Roterdão, o que podia ela pressagiar? Ninguém o sabia; ninguém o podia imaginar; ninguém — nem sequer o burgomestre Mynheer Superbus von Underduk — possuía a mais pequena pista para deslindar o mistério; assim sendo, como nada de mais razoável se pudesse fazer, todos os homens sem exceção tornaram a ajeitar o cachimbo ao canto da boca, e, mantendo o olhar preso no fenómeno, puxaram uma fumaça, pararam, bambolearam-se e resmungaram elucidativamente — para a seguir voltarem a bambolear-se, a resmungar, a parar e por fim... a puxar nova fumaça.

Entretanto, porém, o objeto de tanta curiosidade e causa de tamanha fumarada ia baixando cada vez mais sobre a bela cidade. Em poucos minutos ficou suficientemente próximo para se distinguir com nitidez. Parecia ser... Sim! Era mesmo, indubitavelmente, uma espécie de balão; mas o certo é que nunca se vira um balão *assim* em Roterdão. Porque, deixem-me que pergunte, quem ouviu alguma vez falar num balão inteiramente feito de jornais sujos? Ninguém, decerto, na Holanda; e, contudo, ali mesmo, diante do nariz das pessoas, ou melhor, a uma certa distância *acima* dos seus narizes, estava a mesmíssima coisa em questão, e feita, conforme sei de fonte limpa, daquele preciso material que jamais alguém tivera notícia de ser usado para semelhante fim. Era um clamoroso insulto ao bom senso dos burgueses de Roterdão. Quanto à forma do fenómeno, era ainda mais repreensível. Pouco ou nada mais era que um enorme barrete de bobo de pernas para o ar. E esta semelhança não pareceu de modo algum atenuada quando, observando mais de perto, a multidão viu uma grande borla suspensa da sua ponta e, à volta do rebordo superior, ou da base do cone, um círculo de pequenos instrumentos, semelhantes a chocalhos de ovelha, que tilintavam fazendo soar ininterruptamente a melodia de *Betty Martin*. Mas havia pior. Preso por fitas azuis à extremidade daquela fantástica máquina, pendia, à guisa de barquinha, um enorme chapéu de pelo de castor castanho-claro, de abas extremamente largas, e uma copa semiesférica com uma faixa preta e uma fivela de prata. O que é, contudo, de certo modo notável é que muitos cidadãos de Roterdão jurassem ter já visto por diversas vezes o mesmo chapéu; de facto, toda a assistência parecia contemplá-lo com uma expressão de familiaridade, ao passo que a *vrouw* Grettel Pfaall, ao vê-lo, soltou uma exclamação de jovial surpresa

e declarou tratar-se do mesmíssimo chapéu do seu bom marido. Ora, esta era uma circunstância tanto mais assinalável quanto é certo que Pfaall, juntamente com três companheiros, desaparecera de Roterdão cerca de cinco anos atrás, de maneira assaz súbita e inexplicável, e até à data desta narrativa todas as tentativas de obter informações acerca deles haviam resultado infrutíferas. É certo que tinham sido recentemente descobertos numa zona remota a leste da cidade alguns ossos que se julgava serem humanos, misturados com uma porção de lixo de aspeto estranho, e houve quem fosse ao ponto de imaginar que fora cometido um horrível assassinio no local e que as vítimas haviam sido com toda a probabilidade Hans Pfaall e os seus camaradas. Mas voltemos ao presente.

O balão (porque sem dúvida o era) tinha agora baixado até cem pés de terra, permitindo à multidão ver com bastante nitidez a pessoa do seu ocupante. Tratava-se, na verdade, de um indivíduo muito singular. Não podia ter mais de dois pés de altura; mas a sua estatura, conquanto pequena, teria bastado para o fazer perder o equilíbrio e tombar pela borda da sua pequena barquinha, se não fosse a intervenção de um aro circular que lhe chegava até à altura do peito, amarrado aos cabos do balão. O corpo do homenzinho era desproporcionadamente largo, conferindo a toda a sua figura uma rotundidade por demais absurda. Claro está que não se lhe viam os pés. As mãos eram de um tamanho enorme. Tinha o cabelo grisalho e apanhado atrás num rabo de cavalo. O nariz era prodigiosamente comprido, adunco e encarniçado; os olhos grandes, luzidios e penetrantes; o queixo e as bochechas, embora enrugados pela idade, eram largos, balofos e duplos, mas não se via em parte alguma da sua cabeça nada que se parecesse com orelhas. O pequeno e estranho cavaleiro envergava uma ampla sobrecasaca de cetim azul-celeste, com uns calções justos a condizer, apertados no joelho com fivelas de prata. O colete era de um tecido amarelo-vivo; tinha um gorro branco de tafetá elegantemente posto à banda na cabeça e, a completar a indumentária, envolvia-lhe o pescoço um lenço de seda vermelho-sangue, que lhe caía caprichosamente sobre o peito, num fantástico laço de sobre-eminentes dimensões.

Tendo descido, como disse já, a cerca de cem pés da superfície da terra, o velhote foi subitamente presa de um acesso de tremuras e pareceu relutante em aproximar-se mais de terra firme. Alijando, por conseguinte, uma quantidade de areia de um saco de lona, que levantou a muito custo, ficou por um instante estacionário. Passou então, de uma maneira pressurosa e agitada, a extrair de uma algibeira lateral da sobrecasaca uma grande carteira de marroquim. Poisou-a com desconfiança na mão, após o que a contemplou com um ar de extrema surpresa, e ficou visivelmente admirado com o seu peso. Abriu-a por fim e, tirando de lá uma grande carta selada com lacre vermelho



e meticulosamente atada com uma fita vermelha, deixou-a cair aos pés do burgomestre, Superbus von Underduk. Sua Excelência baixou-se para a apañar. O aeronauta, porém, ainda muito alterado, e não tendo aparentemente mais assuntos que o retivessem em Roterdão, começou nesse momento a fazer afanosos preparativos para a partida; e, tornando-se necessário descarregar uma porção de lastro que lhe possibilitasse a reascensão, a totalidade da meia dúzia de sacos que deitou borda fora, um após outro, sem se dar o trabalho de esvaziar o respectivo conteúdo, caiu, por infelicidade, nas costas do burgomestre e fê-lo rebolar repetidamente nada menos que meia dúzia de vezes, à vista de toda a gente de Roterdão. Não era de esperar, contudo, que o grande Underduk deixasse passar impune esta impertinência por parte do pequeno velhote. Pelo contrário, consta que, durante cada uma da sua meia dúzia de circunvoluções, soltou nada menos que meia dúzia de distintas e furiosas baforadas do cachimbo, ao qual permaneceu agarrado o tempo inteiro com todas as suas forças, e ao qual tenciona continuar agarrado (se Deus quiser) até ao dia do seu falecimento.


Entrementes o balão elevava-se como uma cotovia e, ganhando grande altura sobre a cidade, acabou por deslizar em silêncio para dentro de uma nuvem semelhante àquela de onde tão estranhamente emergira, e assim se perdeu para sempre da vista maravilhada dos bons cidadãos de Roterdão. Todas as atenções se concentraram então na carta, cuja queda, bem como as circunstâncias que a rodearam, se havia revelado tão fatalmente subversiva quer para a pessoa, quer para a dignidade pessoal de Sua Excelência, Von Underduk. Este funcionário, porém, não perdera de vista, durante os seus movimentos circungiratórios, o importante objetivo de se apoderar da epístola, que se verificou, após exame, ter ido parar às mãos mais apropriadas, pois vinha efetivamente endereçada a ele próprio e ao professor Rubadub, nas suas qualidades oficiais de presidente e vice-presidente do Colégio de Astronomia de Roterdão. Nessa conformidade, foi ali mesmo aberta por aqueles dignitários, revelando-se que continha a extraordinária, e aliás seriíssima, comunicação que segue:

«A Suas Excelências Von Underduk e Rubadub, presidente e vice-presidente do Colégio Estatal de Astrónomos, na cidade de Roterdão.

Estarão porventura Vossas Excelências recordadas de um humilde artesão, de seu nome Hans Pfaall e de seu ofício reparador de foles, que, juntamente com outras três pessoas, desapareceu de Roterdão, há cerca de cinco anos, de uma maneira que há de ter-se considerado inexplicável. Se, contudo, apraz a Vossas Excelências, eu, o autor desta comunicação, sou o próprio Hans Pfaall

em pessoa. É do conhecimento da maioria dos meus concidadãos que ao longo de quarenta anos morei sempre na pequena casa quadrada de tijolos, à entrada do beco chamado Sauerkraut, em que residia à data do meu desaparecimento. Os meus antepassados residiram também nela durante tempos imemoriais, abraçando invariavelmente, tal como eu, a respeitável e aliás lucrativa profissão de consertar foles, pois, para dizer a verdade, até estes últimos anos, em que a política pôs a cabeça das pessoas em polvorosa, nenhum cidadão honesto de Roterdão podia desejar ou merecer melhor negócio que o meu. Havia crédito, nunca faltava emprego e não havia escassez nem de dinheiro nem de boa vontade. Mas, como ia dizendo, não tardou que começássemos a sentir os efeitos da liberdade e dos longos discursos, do radicalismo e desse género de coisas. Pessoas que anteriormente eram os melhores fregueses do mundo não tinham agora um momento para pensar sequer em nós. Bem lhes bastavam as leituras sobre as revoluções e o acompanhamento da marcha do intelecto e do espírito da época. Se o lume precisasse de ser atizado, podia atizar-se prontamente com um jornal; e, à medida que o governo enfraquecia, é minha convicção que o couro e o ferro adquiriam durabilidade em igual proporção — pois, daí a bem pouco tempo, não havia um par de foles em toda a cidade de Roterdão que precisasse de ser cosido ou exigisse o emprego de um martelo. Tratava-se de um estado de coisas impossível de suportar. Pouco tempo passado vi-me mergulhado numa pobreza franciscana, e, tendo mulher e filhos a sustentar, os meus encargos acabaram por se tornar intoleráveis e passava horas e horas a refletir sobre o método mais cómodo de pôr termo à vida. Os credores, entretanto, deixavam-me pouco tempo livre para a meditação. A minha casa era literalmente sitiada de manhã à noite. Havia três fulanos em particular que me atormentavam de maneira insuportável, continuamente de plantão à minha porta e a ameaçarem-me com a lei. Jurei contra estes três a mais negra vingança, caso alguma vez tivesse a felicidade de lhes deitar as garras; e creio que nada no mundo a não ser o prazer desta expectativa me impediu de pôr o meu plano de suicídio em imediata execução, estoirando os miolos com um bacamarte. Achei melhor, contudo, dissimular a minha ira e cumulá-los de promessas e boas palavras, até que, por alguma reviravolta favorável do destino, me fosse concedida uma oportunidade de vingança.

Um dia, depois de me esgueirar deles, e sentindo-me mais abatido que o habitual, andei durante muito tempo a deambular sem destino pelas ruas mais obscuras, até que por fim calhou tropeçar com a esquina de uma banca de livreiro. Vendo uma cadeira por perto, para uso dos fregueses, atirei-me mal-humoradamente para ela, e, não sabendo bem porquê, abri as páginas do primeiro volume que me ficava à mão. Verifiquei tratar-se de um pequeno tratado de astronomia especulativa, sob a forma de folheto, escrito pelo




professor Encke, de Berlim, ou por um francês de nome algo semelhante. Eu tinha umas pequenas luzes sobre assuntos desta natureza, e não tardou que me absorvesse cada vez mais no conteúdo do livro — lendo-o aliás duas vezes de fio a pavio antes de despertar para a reminiscência do que se passava à minha volta. Por essa altura já escurecera, e dirigi os meus passos para casa. Porém, o tratado (com uma descoberta no campo da pneumática, que recentemente me fora comunicada como um importante segredo por um primo de Nantes) tinha causado uma impressão indelével no meu espírito e, à medida que deambulava pelas ruas sombrias, revolia minuciosamente na memória os estranhos e por vezes ininteligíveis raciocínios do autor. Havia alguns trechos em particular que me tinham excitado a imaginação de uma maneira extraordinária. Quanto mais neles meditava, mais vivo se tornava o interesse que em mim fora suscitado. O carácter limitado da minha instrução em geral, e mais especialmente a minha ignorância em assuntos ligados à física, bem longe de me fazerem duvidar da minha própria capacidade de compreender o que lera, ou de me induzirem a desconfiar das muitas noções vagas que assim havia obtido, apenas serviram de ulterior estímulo à imaginação; e eu era suficientemente vaidoso, ou talvez suficientemente razoável, para perguntar a mim mesmo se aquelas toscas ideias que, ao surgirem em espíritos desordenados, têm toda a aparência de possuir a força, a realidade e outras propriedades inerentes ao instinto ou à intuição não poderão com efeito muitas vezes possuí-la.

Era tarde quando cheguei a casa, e fui imediatamente para a cama. O meu espírito estava, contudo, demasiado ocupado para dormir, e passei toda a noite mergulhado em meditações. Levantando-me cedo, regresssei ansiosamente à banca do livreiro e gastei o pouco dinheiro que possuía na compra de alguns volumes de mecânica e astronomia prática. Tendo regressado a casa são e salvo com eles, dediquei todos os momentos livres à sua leitura, e dentro em pouco atingia a proficiência em estudos desta natureza que considerava suficiente para a execução de um certo desígnio que o Diabo ou o meu génio bom me haviam inspirado. Nos intervalos deste período, fazia todos os esforços por aplacar os três credores que tanto me tinham importunado. Nisto fui finalmente bem-sucedido — quer vendendo o bastante do meu mobiliário doméstico para satisfazer metade das quantias reclamadas, quer mediante a promessa de pagar o restante após a finalização de um projeto que lhes disse ter em vista, e para cuja consecução solicitei os seus bons ofícios. Servindo-me destes meios (porque eles eram homens ignorantes), encontrei pouca dificuldade em os conquistar para os meus propósitos.

Assim dispostas as coisas, consegui, graças à ajuda da minha mulher e com o maior sigilo e cautela, desfazer-me de todos os bens que me restavam e pedir

emprestada, repartida por pequenas quantias, utilizando diversos pretextos e sem atender (envergonha-me dizê-lo) aos meus futuros meios de a devolver, uma soma bastante considerável em numerário. Com os recursos assim engrossados, procedi à aquisição gradual de cambraia, muito fina, em peças de doze jardas; cordel; uma porção de verniz de cauchu; um grande e fundo cesto de verga, feito por encomenda; e diversos artigos necessários para a construção e aparelhamento de um balão de dimensões extraordinárias. Incumbi a minha mulher de o confeccionar com a maior brevidade possível e dei-lhe todas as necessárias informações quanto à maneira de o fazer. Entretanto entreteci o cordel de modo a formar uma rede de dimensões suficientes; muni-o de um aro e dos necessários cabos; e comprei numerosos instrumentos e materiais para experiências nas regiões mais elevadas da atmosfera. A seguir aproveitei diversas oportunidades para levar, de noite, para um local remoto a leste de Roterdão cinco barris com aros de ferro, com a capacidade de cerca de cinquenta galões cada um, e outro de maior tamanho; seis tubos de lata de três polegadas de diâmetro, com a forma adequada, e dez pés de comprimento; uma porção de uma *determinada substância metálica, ou semimetal*, que não identificarei, e uma dúzia de garrações de um *ácido muito vulgar*. O gás que resultaria destas últimas substâncias é um gás que ainda não foi produzido por nenhuma outra pessoa a não ser por mim — ou pelo menos nunca foi aplicado a nenhum propósito semelhante. Apenas me posso aventurar a dizer aqui que é um *componente do azoto*, até agora considerado irreduzível, e que a sua densidade é cerca de 34,7 vezes *menor que a do hidrogénio*. É insípido, mas não inodoro; arde, quando puro, com uma chama esverdeada; e é instantaneamente fatal para a vida animal. Nenhuma dificuldade teria em revelar todo o seu segredo, não fosse ele pertencer por direito (como sugeri anteriormente) a um cidadão de Nantes, em França, pelo qual me foi transmitido sob determinadas condições. O mesmo indivíduo apresentou-me, sem nada saber das minhas intenções, um método de construir balões com a membrana de um certo animal, substância através da qual se torna praticamente impossível qualquer fuga de gás. Achei-a, porém, demasiado cara e tinha em geral as minhas dúvidas de que a cambraia com um revestimento de borracha de cauchu não fosse igualmente boa. Refiro esta circunstância porque penso ser provável que o indivíduo em questão possa tentar uma ascensão em balão com o novo gás e o material de que falei, e não quero privá-lo da honra de uma invenção muito singular.

Nos sítios onde pretendia que cada um dos barris mais pequenos ficasse durante o enchimento do balão, fiz secretamente um pequeno buraco; desta maneira os buracos formavam um círculo de vinte e cinco pés de diâmetro. No centro deste círculo, que era a posição destinada ao barril maior, fiz tam-



bém um buraco mais fundo. Depositei em cada um dos buracos mais pequenos uma lata contendo cinquenta libras de pólvora para canhão, e no maior uma barrica com cento e cinquenta libras dela. Depois uni devidamente uma e outras — a barrica e as latas — por meio de rastilhos ocultos; e, introduzindo numa das latas a ponta de cerca de quatro pés de cordão lento, tapei o buraco e coloquei o barril sobre ele, deixando cerca de uma polegada da outra extremidade do cordão lento de fora, o que o tornava quase invisível debaixo do barril. Seguidamente enchi os restantes buracos e coloquei os barris sobre eles na posição que lhes estava destinada.

Além dos artigos atrás enumerados, transportei até ao armazém, ali o escondendo, um dos aparelhos aperfeiçoados pelo Sr. Grimm para a condensação do ar atmosférico. Verifiquei, contudo, que esta máquina exigia consideráveis modificações até se adequar aos propósitos a que eu tencionava torná-la aplicável. Porém, à custa de intenso trabalho e constante perseverança, acabei por ser inteiramente bem-sucedido nos meus preparativos. Não tardou que o meu balão ficasse pronto. Conteria mais de quarenta mil pés cúbicos de gás, podendo facilmente, segundo os meus cálculos, levantar voo comigo e todo o meu equipamento e, manobrando eu convenientemente, ainda com mais cento e setenta e cinco libras de lastro. Tinha recebido três demãos de verniz e achei que a cambraia faria em tudo as vezes da própria seda, pois era igualmente resistente e bastante menos dispendiosa.

Como tudo estivesse pronto, exigi à minha mulher um juramento de sigilo em relação a todas as minhas ações desde o dia da minha primeira visita à banca do livreiro e, prometendo, por minha parte, regressar assim que as circunstâncias o permitissem, dei-lhe o pouco dinheiro que me restava e disse-lhe adeus. Na verdade não receava por ela. Era aquilo a que chamam uma mulher de armas, bem capaz de se governar no mundo sem a minha ajuda. Para dizer a verdade, creio que sempre me considerou um inútil — um mero contrapeso —, sem préstimo para coisa nenhuma senão erguer castelos no ar — e ficou até satisfeita por se ver livre de mim. Foi numa noite escura que dela me despedi e, levando comigo, como ajudantes de campo, os três credores que tantas preocupações me tinham causado, transportámos o balão, com a barquinha e acessórios, por vias pouco frequentes, até ao local onde os outros artigos estavam armazenados. Ali os encontrámos todos intactos e meti imediatamente mãos à obra.


Era dia 1 de abril. A noite, como já disse, estava escura, não se via uma estrela, e a chuva miudinha, que caía de quando em quando, incomodava-nos bastante. Mas a minha maior preocupação residia no balão, que, apesar do verniz com o qual estava protegido, começava a ficar bastante pesado com a humidade; a pólvora corria igualmente o risco de se deteriorar. Assim sendo,

pus os meus três credores a trabalhar com grande diligência, amontoando gelo à volta do barril central e mexendo o ácido contido nos outros. Não paravam, contudo, de me importunar com perguntas acerca do que pretendia fazer com toda aquela aparelhagem e exprimiam muito desagrado pelo terrível esforço que eu os fazia exercer. Não percebiam (ao que diziam) que vantagem haveria em encharcarem-se até aos ossos unicamente para participarem em tão horríveis bruxedos. Comecei a apoquentar-me e atirei-me ao trabalho com todas as forças, pois creio verdadeiramente que os idiotas supunham que eu estabelecera um pacto com o Diabo e que, em suma, nada de bom havia naquilo que eu estava a fazer. Tinha, por conseguinte, sérios receios de que eles me abandonassem de vez. Consegui, todavia, apaziguá-los por meio de promessas de pagamento integral de todas as dívidas, assim que desse esta empresa por terminada. A estas palavras deram eles, claro está, a sua própria interpretação, imaginando sem dúvida que em qualquer caso eu viria a receber grandes somas de dinheiro em numerário e, desde que lhes pagasse tudo o que lhes devia, e mais alguma coisa, em atenção aos seus serviços, creio bem que pouco lhes importava a minha alma ou a minha carcaça.

Ao cabo de cerca de quatro horas e meia considerei o balão suficientemente cheio. Amarrei, pois, a barquinha e meti lá todos os meus instrumentos: um óculo, um barómetro, sujeito a algumas modificações importantes, um termómetro, um electrómetro, um compasso, uma bússola, um conta-segundos, uma campainha, um megafone, etc., etc.; e também um globo de vidro, do qual extraíra o ar, cuidadosamente rolhado, sem esquecer o aparelho condensador, uma porção de cal viva, uma barra de lacre, um abundante sortimento de água e uma grande quantidade de provisões, como carne seca, que contém muito valor nutritivo num volume comparativamente pequeno. Meti também na barquinha dois pombos e uma gata.

Aproximava-se o raiar do dia e achei que eram boas horas de empreender a largada. Deixando cair um charuto aceso no chão, como que acidentalmente, aproveitei a oportunidade, ao baixar-me para o apanhar, de acender dissimuladamente a mecha, cuja extremidade, como disse já, ficava um pouco saída por baixo do bordo inferior de um dos barris mais pequenos. Esta manobra passou completamente despercebida aos três credores; e, saltando para a barquinha, cortei de imediato o único cabo que me prendia a terra e tive a satisfação de ver que o balão começava a subir com inconcebível rapidez, podendo com toda a facilidade com as cento e setenta e cinco libras de lastro de chumbo e capaz de poder com mais outro tanto. Quando abandonei o solo, o barómetro marcava trinta polegadas e o termómetro centígrado, dezanove graus.

Mal tinha, porém, atingido a altura de cinquenta jardas, quando, rugindo e ribombando atrás de mim da maneira mais tumultuosa e terrível, sobreveio




um tão denso furacão de fogo, cascalho, madeira a arder, metal incandescente e membros estraçalhados, que me caiu o coração aos pés e me deixei cair no fundo da barquinha, tremendo de terror. Na realidade, apercebi-me então de que tinha exagerado imenso nos meus cálculos e que as principais consequências do abalo ainda estavam para se fazer sentir. Com efeito, daí a menos de um segundo senti todo o sangue do corpo afluir-me às têmporas e, logo a seguir, uma concussão, que nunca esquecerei, trespassou abruptamente a noite e pareceu rasgar o próprio firmamento em pedaços. Quando mais tarde tive tempo para refletir, não pude deixar de atribuir a extrema violência da explosão, no que me dizia respeito, à sua devida causa: a minha posição mesmo sobre ela e na linha da sua maior potência. Na ocasião, porém, só pensei em salvar a vida. O balão começou por esvaziar-se, após o que se dilatou furiosamente, para em seguida começar a rodopiar a uma velocidade estonteante e, por fim, oscilando e cambaleando como um ébrio, atirou comigo pela borda da barquinha fora, deixando-me suspenso, a uma altura tremenda, de cabeça para baixo e virado para o exterior, por um fino cabo de três pés de comprimento, que pendia acidentalmente de uma fenda junto ao fundo do cesto de verga, e na qual, ao cair, o meu pé esquerdo providencialmente ficara preso. É impossível — inteiramente impossível — formar uma ideia adequada do horror da minha situação. Procurava convulsivamente respirar; um estremecimento semelhante a um ataque de sezões sacudia todos os nervos e músculos do meu corpo; sentia os olhos saltarem-me das órbitas; acometeu-me uma horrível náusea e acabei por desfalecer, perdendo os sentidos.

Não há maneira de dizer quanto tempo permaneci nesse estado. Não deve, contudo, ter sido desprezável, visto que, quando recuperei parcialmente o sentido da existência, verifiquei que o dia raiava e o balão se encontrava a uma altura prodigiosa sobre a imensidão do oceano, não se divisando sinais de terra de uma ponta à outra dos limites do vasto horizonte. Todavia, as minhas sensações, após esta reanimação, não estavam de modo algum tão imbuídas de angústia como se poderia imaginar. Havia, até, muito de loucura na calma avaliação que comeci a fazer da minha situação. Pus ambas as mãos diante dos olhos, uma após a outra, e perguntei a mim mesmo que acontecimento poderia ter dado azo à dilatação das veias e à horrível negrura das unhas. A seguir examinei detidamente a cabeça, abanando-a repetidas vezes e Tateando-a com minuciosa atenção, até me dar por convencido de que não estava, como chegara a suspeitar, maior que o meu balão. Depois, apalpei conscienciosamente ambos os bolsos das calças e, dando pela falta de uma série de comprimidos e de uma caixa de palitos, busquei uma explicação para o seu desaparecimento e, não a conseguindo encontrar, senti-me indizivelmente mortificado. Reparei então que me doía muito a articulação do torno-

zelo esquerdo e começou a perpassar-me pela mente uma vaga consciência da minha situação. Estranhamente, porém, não estava surpreso nem horrorizado! Se alguma emoção experimentava, era uma espécie de secreta satisfação perante a habilidade que estava prestes a revelar na maneira de me livrar daquela embaraçosa vicissitude: e nem por um momento encarei a minha salvação final como uma questão suscetível de dúvidas. Durante alguns minutos permaneci embrenhado na mais profunda meditação. Recordo-me nitidamente de comprimir os lábios com frequência, de levar o indicador à asa do nariz e de fazer uso de outros gestos e caretas comuns aos homens que, no sossego das suas poltronas, meditam sobre questões intrincadas ou importantes. Quando me pareceu que tinha ordenado suficientemente as ideias, pus as mãos atrás das costas, usando de grande cuidado, e desapertei a enorme fivela de ferro que fazia parte do cinto das minhas calças. Esta fivela tinha três dentes, que, um tanto ferrugentos, giraram com grande dificuldade sobre o seu eixo. Apesar disso, consegui, depois de algum esforço, pô-los perpendiculares ao corpo da fivela e tive a satisfação de os ver manterem-se firmes nessa posição. Segurando nos dentes o instrumento assim obtido, pus-me então a desapertar o nó da gravata. Tive de descansar várias vezes antes de conseguir levar a cabo esta manobra, mas acabei por conseguir. Prendi então a fivela a uma das extremidades da gravata e, para maior firmeza, amarrei bem a outra extremidade ao pulso. Içando depois todo o corpo, com uma prodigiosa aplicação de força muscular, consegui, à primeira tentativa, lançar a fivela para dentro da barquinha e prendê-la, tal como previra, ao rebordo circular do cesto de verga.

Tinha agora o corpo inclinado sobre o flanco da barquinha, fazendo com ele um ângulo de quarenta e cinco graus; mas não se deve daí depreender que estivesse apenas a quarenta e cinco graus da vertical. Longe disso, encontrava-me ainda paralelo ao plano do horizonte, pois a mudança de posicionamento que alcançara fizera afastar consideravelmente o fundo da barquinha da minha posição, que era, assim, de perigo iminente. Deve ter-se em conta, porém, que se, em primeiro lugar, tivesse caído da barquinha com a cara virada para o balão, em vez de ficar com ela voltada para fora, como na realidade estava, ou se, em segundo lugar, o cabo do qual estava suspenso porventura passasse por cima do bordo superior, em vez de pender de um buraco perto do fundo da barquinha, facilmente se imaginará que em qualquer destes dois casos eu teria sido incapaz de conseguir aquilo que conseguira e que as revelações aqui feitas se teriam perdido completamente para a posteridade. Tinha, por conseguinte, todas as razões para me sentir grato; embora, de facto, estivesse tão aturdido que não era capaz de coisa nenhuma e me mantivesse, talvez um quarto de hora, naquela postura extraordinária, sem fazer o menor esforço



ulterior e num estado singularmente sereno de idiota satisfação. Contudo, este sentimento não tardou a dissipar-se, sucedendo-lhe o horror, a consternação e uma sensação de completo desamparo e perdição. Efetivamente, o sangue que se acumulara durante tanto tempo nos vasos da cabeça e do pescoço, e que até então me tinha causado uma excitação delirante, começara agora a refluir para os seus canais próprios e a nitidez assim acrescentada à minha percepção do perigo apenas serviu para me privar do autodomínio e da coragem para o enfrentar. Contudo, esta debilidade não foi, felizmente para mim, de muito longa duração. A seu tempo veio em meu auxílio o génio do desespero e, com gritos e esforços frenéticos, icei o corpo aos sacões, até que, por fim, agarrando-me com a força de um torno à tão desejada borda, consegui serpentear por cima dela e caí de bruços, tremendo, na barquinha.

Só algum tempo depois consegui refazer-me o suficiente para me entregar às rotinas do balão. Nessa altura, porém, examinei-o atentamente e verifiquei, com grande alívio, que estava incólume. Os meus instrumentos estavam todos em ordem e, felizmente, não tinha perdido lastro nem provisões. Aliás, tinha-os peado tão bem nos seus lugares, que tal incidente estava fora de questão. Consultando o relógio, vi que eram seis horas. Continuava a ganhar rapidamente altura e o barómetro indicava uma altitude de três milhas e três quartos. Mesmo por baixo de mim, no oceano, estava um pequeno objeto negro, de forma ligeiramente oblonga, mais ou menos do tamanho de uma peça de dominó e mostrando grandes semelhanças, em todos os aspetos, a um desses brinquedos. Assestando o meu óculo sobre ele, distingui nitidamente que se tratava de um navio inglês de noventa e quatro peças, navegando à bolina cerrada, que caturrava fortemente, aproado a oés-sudoeste. Além deste navio, não via nada a não ser o oceano e o céu, e o Sol, que nascera havia muito.

É mais que tempo de explicar a Vossas Excelências o objeto da minha viagem. Vossas Excelências estarão lembradas de que certas circunstâncias aflitivas em Roterdão me haviam impellido à resolução de me suicidar. Não, todavia, que tivesse alguma repugnância absoluta pela vida; o facto é que era insuportavelmente perseguido pelos acidentais infortúnios inerentes à minha situação. Neste estado de espírito, querendo viver, mas cansado da vida, o tratado que encontrara na banca do livreiro, aliado à oportuna descoberta do meu primo de Nantes, abrira um expediente à minha imaginação. Finalmente decidi-me. Resolvi partir, mas viver — abandonar o mundo, continuando porém a existir; em suma, para deixar de parte os enigmas, resolvi, acontecesse o que acontecesse, abrir caminho, sendo possível, *até à Lua*. Passarei — não vão supor-me mais louco do que na realidade sou — a enumerar, o melhor que puder, as considerações que me levaram a acreditar que um empreen-